

Travessuras de leitura de uma Menina Má

Bonfim Queiroz Lima Pereira¹
Gislâne Gonçalves Silva²

Resumo: O presente artigo analisa a obra *Travessuras da menina má* de Mario Vargas Llosa na perspectiva da transculturação, além disso, aborda aspectos inerentes ao romance, entre eles, a construção da narrativa e o papel do tradutor.

Palavras-chave: Transculturação. Narrativa. América Latina.

Abstract: This article analyzes the work of *Travessuras da menina má* by Mario Vargas Llosa at the light of transculturation, furthermore it discusses aspects related to the novel, including the construction of the narrative and the role of the translator.

Key words: Transculturation. Narrative. Latin America.

Introdução

Travessuras de la niña mala é o título em espanhol deste romance que foi lançado em 2006 e, segundo o próprio autor, Mário Vargas Llosa, é um romance parcialmente autobiográfico:

Sim, “Travessuras” é um livro sobre as cidades e as épocas em que nelas vivi. Uso a memória, mas também o sentimento de nostalgia que carrego com relação a isso. Já a história de amor entre Somocurcio e a Menina Má é totalmente inventada. Ainda que, para escrever sobre uma relação, sempre usemos algo de nossa experiência. (apud COLOMBO, 2007, p. 1)

Llosa, que nasceu no Peru em 1936, é jornalista, dramaturgo, ensaísta e crítico literário, além de ser um escritor consagrado, ganhador de vários prêmios literários, entre eles o Prêmio Nobel da Literatura em 2010, mudou-se para Paris nos anos 60. No entanto a história e a cultura da América Latina estão presentes de maneira intensa na maioria de suas obras.

O livro que será abordado neste trabalho é um grande sucesso de vendas; segundo o jornal Folha de São Paulo, em 2010, já havia vendido mais de 40 mil exemplares apenas no Brasil. A narrativa encanta os leitores pela história de amor

¹ Mestranda em Ensino de Língua e Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: bonfimql@hotmail.com.

² Mestranda em Ensino de Língua e Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: gislaneletras@gmail.com.

incondicional entre um pacato intérprete de classe média, Ricardo Somocurcio, e a ambiciosa e envolvente personagem que o narrador, o próprio Ricardo, nomeia de Menina Má.

Sem dúvida esta obra possui todos os ingredientes de um romance best-seller: amor, sexo, aventura, ambição, traição, além de relatar parte das transformações sociais europeias e algumas das inúmeras reviravoltas políticas da América Latina, nas quatro décadas em que se passa a narrativa. Talvez este seja o motivo pelo qual a grande maioria de seus leitores relatam que ao iniciar a leitura não conseguiam interrompê-la.

Entretanto, o objetivo deste trabalho é mostrar que além de uma leitura prazerosa e cativante este romance possibilita inúmeras outras leituras, as que serão tratadas neste estudo dizem respeito a questões referentes aos processos de transculturação presentes no romance. Tenta-se explicar e exemplificar esse aspecto com personagens e passagens da obra, bem como se busca compreender quem é a Menina Má, de quem ela é metáfora. Além disso, será abordada a figura do intérprete e do tradutor como transculturadores.

1. A construção da narrativa

Travessuras da Menina Má pode ser descrito como um romance empolgante que conta, em seus sete capítulos, a história de um amor arrebatador. Llosa inicia essa narrativa no Bairro Limenho de Miraflores, em 1950, contando o envolvimento, do peruano Ricardo Somocurcio e da desinibida “chilenita” Lily, que nessa época de adolescência tiveram uma amizade intensa, que só não chegou a se transformar em namoro porque a “chilenita” sempre recusava os pedidos do peruano. Ricardito, que sonhava em morar em Paris, vê seu amor da juventude desaparecer, após descobrir através de um escândalo, que ela mentira sua origem, uma vez que não era “chilenita” e sim mais uma peruanita.

O segundo capítulo se passa em Paris, nos anos 60 do século passado; Ricardo com o sonho realizado, pois já está morando na cidade luz, procura meios para se manter financeiramente e consegue trabalho como intérprete na Unesco. Através do amigo revolucionário Paúl, integrante da MIR – *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* – conhece a camarada Arlete, que está de passagem por Paris com o objetivo de ir à Cuba participar de um treinamento guerrilheiro. Após reconhecer na desajeitada bolsista da MIR a chilena, Ricardito fica com um dilema nas mãos, ficar ao lado do seu amor e correr o risco de prejudicar seu amigo Paúl ou continuar com o

plano e se afastar, talvez para sempre da, então, camarada Arlete.

A decisão de deixar a camarada Arlete continuar sua viagem e sua ligação com o movimento revolucionário parece ser castigada quando Ricardito tem notícias de que ela se envolveu com líderes revolucionários. Depois de três anos sem nenhum contato, Somocurcio se reencontra com a Menina Má que está casada com o diplomata Robert Arnoux. Totalmente transformada, a “chilenita” encontrava-se agora bem vestida, penteada e maquiada. Os dois amantes se encontram algumas vezes, mas madame Arnoux foge levando consigo todas as economias do marido. Outra decepção para o tradutor é saber que seu amigo Paúl Escobar – que embora tivesse se tornado um importante membro do partido, resolveu voltar a seu país para participar dos combates diretos – tinha sido morto por forças especiais do Exército peruano que conseguiu invadir o acampamento revolucionário em Mesa Pelada.

O reencontro com o conterrâneo e amigo de juventude Juan Barreto, em 1970, um hippie, que morava em Londres e trabalhava como “retratista de cavalos” em Newmarket é descrito no terceiro capítulo da obra. É por intermédio desta amizade que Ricardito frequenta e conhece mais a fundo ambientes e festas hippies; é, também, por intermédio desta amizade que reencontra seu grande amor, agora casada com David Richardson, um milionário criador de cavalos de Newmarket. Mrs. Richardson e Ricardo Somocurcio passam dois anos se encontrando todas as quartas e sextas-feiras no Russell Hotel em Londres, no entanto, após um desentendimento, a Menina Má deixa de entrar em contato com o intérprete.

Em uma de suas viagens a Londres, Ricardo descobre que Juan Barreto está internado e em conversa com os médicos descobre que ele tem uma doença nova, terminal, que atacava seu sistema imunológico (AIDS). Ricardito fica arrasado com a situação e permanece em Londres cuidando do amigo até a chegada dos pais de Juan, com quem havia entrado em contato. Somocurcio tenta entrar em contato com a Menina Má e é avisado por ela para não telefonar porque está enfrentando problemas com o marido, ela avisa também que Juan havia falecido. Depois de meses sem entrar em contato, Mrs. Richardson telefona para Ricardito para perguntar se ele havia denunciado sua situação de bigamia e em um telefonema posterior informa que havia ficado sem nada no divórcio por causa da denúncia e que estava partindo para evitar o risco de ser presa por esse crime.

No quarto capítulo desta obra será evidenciada outra interessante personagem amiga de Ricardito, o turco Salomón Toledano, talentoso intérprete que tinha uma enorme facilidade para aprender idiomas – falava 12 línguas – e que, apesar disso, em

outras áreas era de “uma ingenuidade assombrosa, um homem menino”. Em 1979, Trujimán (apelido de Toledano) vai para Tóquio trabalhar para a Mitsubishi e na primeira carta que envia para seu amigo intérprete diz que está saindo com uma advogada da empresa e manda lembranças da Menina Má. Ricardito que não tinha notícias de sua amada desde a última ligação em março de 1974, escreve pedindo mais detalhes sobre sua “conterrânea” e tenta conseguir um trabalho que o leve até Tóquio para reencontrá-la.

Ao chegar a capital japonesa, encontra-se com seu amigo e a namorada Mitsuko. Somocurcio descobre que Salomón está apaixonado pela advogada e que esse amor não é correspondido. Encontra-se também com Kuriko, a nova identidade da Menina Má, que está totalmente adaptada à cultura japonesa e confessa ser dependente de Fukuda, seu novo companheiro, apesar dessa relação a que ela se encontrava subordinada, envolve-se novamente com Ricardo. O intérprete, no entanto, tem uma grande decepção quando descobre que, após um jantar com amigos (Kuriko e Fukuda), foi atraído pela Menina Má até a casa de Fukuda para que ele pudesse assistir a “serva” tendo relação sexual com o conterrâneo. Após esse incidente Ricardito fica furioso, volta para Paris e jura para si mesmo nunca mais se envolver com a Menina Má. Seis meses depois de seu retorno recebe uma carta de Mitsuko avisando que Salomón havia se suicidado após aparentemente aceitar bem o fim do namoro.

Em Paris, o casal Elena e Simon Grivoski, que haviam adotado o garoto vietnamita Ylial, o menino sem voz, provavelmente por traumas da guerra, torna-se amigo de Ricardo e essa nova amizade entrelaçará a história do novo reencontro de Ricardito com a Menina Má no quinto capítulo do livro. O casal ajudará Ricardo a conseguir tratamento médico e psicológico para a peruana, quando ela o procura novamente dizendo que havia sido presa e estuprada na África ao realizar um trabalho ilegal para Fukuda e que este a havia abandonado. Ricardito se endivida com empréstimo para pagar o tratamento e, após a estadia dela na clínica de repouso, os médicos revelam que a Menina Má não havia sido estuprada e sim machucada gravemente por Fukuda ao realizar consensualmente suas fantasias sexuais, pois a relação entre eles era de submissão e dominação. A Menina má fica uma temporada no apartamento de Ricardito e consegue conversar com Ylial, com o apoio dos novos amigos ele começa a falar as primeiras palavras. Os Grivoski se mudam para os EUA, a Menina Má abandona Ricardito, que desesperado tenta se suicidar em uma ponte, mas é salvo por um *clochard*. Ao retornar para casa encontra a Menina Má arrependida de tê-lo abandonado e afirmando que ficaria com ele.

No sexto capítulo, Ricardito retorna ao Peru para visitar seu tio Ataúlfo que tinha sofrido um ataque cardíaco. Nesta visita, conhece através de um sobrinho distante, o engenheiro Alberto Limiel, o velho Arquimedes, um homem simples que determinava onde deveriam ser construídos os quebra-mares da região. Em conversa com tio Ataúlfo, que havia se recuperado, desconfia que Arquimedes seja o pai da Menina Má. Suspeita que foi confirmada em uma conversa com o construtor de quebra-mares. Durante o diálogo ele descobre que o verdadeiro nome da Menina Má é Otilita e que o apartamento onde ela morava em Miraflores, na sua adolescência, não era de seus pais, pertencia aos patrões de sua mãe. Ricardo fica comovido com a história da infância e adolescência de Otilita e retorna a Paris temendo ser abandonado novamente, uma vez que não conseguia entrar em contato com a Menina Má; todavia descobre que sua suspeita é infundada quando a encontra no apartamento e ela confessa que estava feliz com ele.

No sétimo e último capítulo, Ricardito está morando no bairro de Lavapiés em Madri com a arquiteta e produtora de cenários para espetáculos teatrais, Marcella. Seu novo romance já durava dois anos e meio e começou em 1987. Conheceu Marcella em uma clínica onde fazia exames para tratamento de saúde, após outro rompimento com Otilita, que dessa vez ele acreditava ser permanente, porque havia sido de forma civilizada. Com sequelas de um pequeno derrame cerebral, Ricardo não consegue mais trabalhar como intérprete, passa a viver de tradução de alguns textos literários e do trabalho de Marcella. Mesmo vivendo bem com Marcella não demonstra muita surpresa com o flagrante que deu na atual companheira que beijava o colega de trabalho dela, o bailarino Victor Almeida. Também não demonstra surpresa quando o bailarino pede, em uma conversa, para que Ricardito saia da vida de Marcella, porque os dois estariam apaixonados.

Logo depois de descobrir o suposto romance de Marcela, Ricardo reencontra a Menina Má, ela está muito debilitada e totalmente deformada em decorrência de várias cirurgias que realizou por causa do câncer. Confessa para Ricardo que o procurava há um tempo para poder deixar para ele os únicos bens que possuía: uma casinha no sul da França e ações da Companhia de Eletricidade da França; além disso, desejava viver com ele os últimos dias de sua vida. Ele realizou seu desejo e viveu com a Menina Má seus últimos trinta e sete dias. Antes de morrer, ela disse para Ricardo que havia lhe dado um bom material para que ele escrevesse um romance.

Além da riqueza desse enredo repleta de viradas, Llosa consegue prender a atenção do leitor através da forma como estrutura sua narrativa – a cada capítulo temos

quase que uma nova narrativa, uma nova história, que se não estivessem reunidas nessa obra, poderiam compor belíssimos contos. Assim a história do guerrilheiro Pául, do retratista de cavalos Juan Barreto, do intérprete Salomón Toledano, do menino sem voz Ylial, do construtor de quebra-mares Arquimedes e da Arquiteta Marcella, podem ser consideradas pequenas narrativas que se entrelaçam com a narrativa principal.

Pode-se afirmar que Llosa consegue prender o interesse do leitor construindo unidade a partir de rupturas, ou seja, entre os capítulos temos rupturas na história principal para a introdução das narrativas periféricas e a narrativa principal é retomada quando se avança na leitura do capítulo. Em alguns casos ainda temos o aparecimento da história principal avançada cronologicamente do momento de parada anterior e a recapitulação só é feita em momento posterior. O maior exemplo dessa ruptura está entre o sexto e o sétimo e último capítulo, uma vez que aquele termina com um bom relacionamento entre Ricardo e Otilita, morando em Paris, e este inicia com Ricardo morando com Marcella, em Madri. Apenas no decorrer da leitura descobre-se como o narrador da história mudou de país e de relacionamento.

Outra estratégia utilizada pelo autor é a busca da verossimilhança da história através da constante presença em sua obra de grandes momentos históricos. Assim a cada capítulo temos a retrospectiva dos fatos históricos que aconteceram nas décadas em que se passam a história: a revolução cubana nos anos 60 e sua influência nos outros países latino-americanos, a ditadura militar peruana, as revoluções estudantis em Paris, o movimento hippie da década de 70 em Londres, modernização tecnológica japonesa e americana na década de 80, são alguns dos momentos históricos que são descritos através desta narrativa. No entanto, é o Peru que ocupa boa parte da narrativa, pois sempre que se fala dos países anteriormente citados o contexto peruano é abordado.

2. A Menina Má e o tradutor

As figuras do intérprete e do tradutor estão marcadamente presentes na narrativa, representados pela figura de Salomón Toledano e Ricardito, respectivamente. Salomón é um intérprete, que fala 12 línguas e que se limita a traduzir as palavras de uma língua para outra. Já Ricardito, além de intérprete da Unesco, trabalha esporadicamente com a tradução literária, sobretudo da literatura russa.

Segundo Ricardito, ao traduzir textos literários, ele se “sentia menos fantasmal que como intérprete” (LLOSA, 2006, p. 124), pois como tradutor ele “precisava tomar decisões, explorar o espanhol em busca de matizes e cadências que correspondessem às sutilezas e obscuridades semânticas e também suntuosidades retóricas da língua literária

russa” (LLOSA, 2006, p. 124).

Pela fala de Ricardito reproduzida depreende-se que o papel do tradutor vai além da tradução das palavras, que traduzir não é uma questão simplesmente de vocabulário, mas de significado, ou seja, no processo de tradução dos contos de Tchekhov Ricardito, preocupava-se com aspectos que iam além do significante. O processo de tradução adotado pelo personagem está em consonância com a ideia de Walter Benjamin (2008, p. 37). Para este, a tradução literal não quer dizer que o significado de determinada frase e/ou período é mantido ao pé da letra

Quando Ricardito decidiu arriscar-se nas traduções literárias, Salomón o alertou para os “perigos” deste ofício. Para ele, era melhor que Ricardito continuasse apenas como intérprete, afinal, segundo Toledano, “não prejudicamos ninguém com o nosso trabalho. Em todas as outras profissões pode-se fazer grandes estragos na espécie” (LLOSA, 2006, p. 121). Além disso, o amigo de Ricardito alegava que o tradutor era um aspirante a escritor, pois se nega a desaparecer no próprio ofício.

Ao contrário de Toledano, Ricardito lidava, na tradução, não apenas com duas línguas, mas com duas culturas, daí o caráter transcultural do seu trabalho (CLÜVER, 1997, p.43). Todavia, o que vem a ser transculturação e quais as implicações disto no campo da tradução? Percebe-se que não é apenas no aspecto da tradução que a obra é transcultural (os outros aspectos transculturadores da narrativa serão abordados posteriormente).

Antes de abordar de fato a transculturação faz-se necessária uma breve explanação acerca da noção de mestiçagem, hibridismo e criouliização, afinal elas ajudarão a compreender melhor o termo transcultural, bem como ajudará a diferenciá-los entre si, pois a linha que os separa é uma linha tênue.

Segundo Bernd (2004, p. 100) a mestiçagem está associada à mistura das raças e a um processo de hierarquização, ou seja, há a ideia de uma matriz racial, tida como superior, que se “mistura” com outras raças, consideradas inferiores. Há neste conceito uma noção de cultura hegemônica. O hibridismo mantém a ideia de matriz cultural cunhada pela mestiçagem, entretanto, no hibridismo não há ideia de mistura e sim de imbricação, isto é, as raças coexistem simultaneamente. Por isso Bernd (2004) prefere o termo hibridação, pois este traz consigo a ideia de cultura como processo, como devir.

A criouliização, segundo Glissant (2005, p. 22), “exige que elementos heterogêneos colocados em relação se intervalizem, ou seja, que não haja degradação ou diminuição do ser nesse contato e nessa mistura (...) criouliização é a mestiçagem acrescida de uma mais-valia que é a imprevisibilidade”.

A transculturação “permite” a convivência entre duas ou mais culturas, todavia esta convivência não está livre de conflitos, as culturas não se imbricam. A ideia de transculturação vai de encontro com a de aculturação, afinal, sabe-se hoje que nenhum indivíduo esquece a sua cultura e assume a cultura do outro, como esse termo pressupõe.

Baseado no que foi exposto sobre transculturação percebe-se que em *Travessuras da menina má*, Ricardito transcultura durante as traduções, pois preocupase em manter o significado do texto base, em russo, mas sem deixar de considerar a língua e cultura espanhola, para a qual será traduzida os contos de Tchekhov.

A maneira como a narrativa é construída parece reforçar esse papel do tradutor como transculturador. Ricardito está constantemente “traduzindo” as mais distintas meninas más. Quando ele narra sobre as mais diferentes culturas que a menina má assimila, ele tem a preocupação de informar ao leitor a forma como ela se veste, se maquia, se comporta, o momento histórico do país em que ela se encontra.

Ricardito não menciona apenas a nacionalidade que a Menina Má adquire, mas aborda a cultura em que ela está inserida. E isso é reflexo da sua preocupação de não traduzir apenas uma língua, mas uma cultura, por isso ao narrar a história Ricardito é um tradutor transcultural e não um intérprete, pois este se limita a traduzir somente a língua, como abordado anteriormente.

A própria figura de Ricardito como sujeito é transcultural, percebe-se isso quando ele volta a Lima em 1965, onde ele sente-se um órfão em seu próprio país, e posteriormente quando questiona-se sobre quem ele era:

Eu deixara de ser peruano em muitos sentidos sem dúvida. Mas o que era, então? Tampouco chegara a virar um europeu, na França, nem muito menos na Inglaterra. O que era você então, Ricardito? Talvez aquilo que Mrs. Richardson me dizia nas suas zangas à-toa, apenas um intérprete, alguém que, como gostava de nos definir meu colega Salomón Toledano, só é quando não é, um hominídeo que existe quando deixa de ser o que é para que, através dele, passem melhor as coisas que outros pensam e dizem. (LLOSA, 2006, p. 113)

Pela citação supracitada, percebe-se a crise identitária de Ricardito, este se sente um estrangeiro tanto no Peru, lugar que nasceu, como em Paris, país que escolheu para viver. O personagem parece não ter um lugar definido, ele nunca está dentro de, mas entre uma cultura e outra. Ricardito não deixou de ser peruano. Ele está em constante transição entre uma cultura e outra, a sua identidade como peruano “sofreu” um processo de transculturação. Sua identidade parece está justamente nessa transição, nesse processo transcultural ou nas palavras de Santiago (2002), em um entre-lugar; daí a metáfora de tradutor não significar apenas a tradução linguística, mas principalmente a cultural.

3. A Menina Má como metáfora da América Latina e os processos de transculturação

Considerando o que afirma Benjamin Abdala Junior “A literatura comunica mais e diferente dos objetivos do poeta” (2002, p. 54), *Travessuras da menina má* é uma obra em que o leitor se vê diante de pelo menos dois grandes questionamentos: quem é a menina má, ela é metáfora do quê? A mulher como representação da pátria ou da comunidade política não é algo recente, um exemplo é a pintura de Delacroix intitulada *A liberdade guiando o povo* (1830), no quadro a liberdade é representada por uma mulher com os seios de fora, com ar de comando e com uma bandeira na mão.

Os intelectuais latino-americanos buscam na Europa um referente para o seu trabalho. Por exemplo, Ricardito sonha em morar em Paris e virar escritor e Juan vai morar na Europa com o intuito de aprender a arte da pintura. Segundo Abdala Júnior (2002, p. 47), até os anos 50 do século XX, o Brasil aceitava a exaltação da sua sentimentalidade, “por oposição à razão que seria própria dos países colonizadores europeus.” Ao se estender essa noção para toda a América Latina compreende-se a ideia dos personagens mencionados em buscarem o “conhecimento” no exterior, afinal, era recorrente a noção da Europa como referência cultural.

É comum durante a narrativa alguns personagens que vivem no Peru exaltarem o continente europeu. Quando Ricardito viaja à Lima ou encontra um latino logo surgem os comentários sobre a superioridade da Europa. Por exemplo, quando tio Ataúlfo fala da revolução em curso no Peru, ele profere: “O Peru é uma confusão, sobrinho, você fez bem em ir morar no país da clareza cartesiana” (LLOSA, 2006, p. 50) ou ainda “como você mora em Paris inspira um respeito todo especial” (LLOSA, 2006, p. 242).

Ricardito mora em Paris, contudo, sente-se como um estrangeiro, assim como não se “encontra” mais no Peru. Na verdade ele é um intelectual deslocado que está sempre em busca de sua identidade cultural. Pode-se realizar a partir dessa afirmação uma analogia entre a busca da identidade cultural dos intelectuais Latino-americanos e a busca de Ricardito pela Menina Má, uma vez que essa personagem, ao longo da narrativa, sofre inúmeros processos de transculturação. Assim, infere-se a possibilidade dessa personagem ser a própria personificação da América Latina.

A construção das personagens criadas por Llosa neste romance permite com que se faça inúmeras analogias a situações políticas e culturais, principalmente em relação às culturas Latino-americanas. A personagem principal, que dá título à narrativa, é o exemplo mais rico dessas possibilidades, o que se vê a respeito da capacidade de transformação e adaptação dessa personagem é semelhante aos processos pelos quais

passaram os diferentes países latino-americanos, processos que se podem denominar de transculturadores.

Para explicar a afirmação anterior, tem-se que tentar delimitar qual o sentido do termo transculturação, uma vez que este termo não indica apenas a aquisição de uma nova cultura e sim o processo de desligamento – total ou parcial – da cultura prévia (desaculturação) e a conseqüente criação de novos fenômenos culturais (neoculturação). Ángel Rama e Fernando Ortiz elegem o termo “transculturação” como mais adequado para descrever a história de Cuba e por analogia da América em geral:

Entendemos que o vocábulo “transculturação” expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano “aculturação”, mas implica também necessariamente a perda ou o desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial desculturação, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados neoculturação (ORTIZ *apud* RAMA, 2001, p. 216).

O processo de transculturação que sofre, na narrativa, a intrigante personagem Otilita, pode ser considerado uma forma de transculturação haja vista que a cada novo espaço

O processo de transculturação que sofre, na narrativa, a intrigante personagem Otilita, pode ser considerado um forma de transculturação haja vista que a cada novo espaço geográfico-temporal-cultural assume uma nova personalidade, totalmente diferente da anterior e que assimila as características da sociedade em que está inserida. Verifica-se esse processo de transformação ao observar as descrições feitas da mesma personagem em diferentes momentos da narrativa. A camarada Arlete apesar de ser descrita pelo narrador como muito feminina se vestia “como as outras, com grande simplicidade – saias e casacos toscos, blusas de percal e aqueles sapatões sem salto e com fivela que se vendem nos mercados” (LLOSA, 2006, p. 25), uma vez que estava inserida no grupo de jovens peruanos que iriam a Cuba realizar treinamento guerrilheiro.

Três anos depois do último encontro com a camarada Arlete, Ricardo encontra-se com a elegante esposa do embaixador Madame Robert Arnoux, que além do salto agulha e da capa negra com bordas de pele, exigiu um grande esforço de narrador para reconhecer:

Naquela cara tão bem maquiada, naqueles lábios vermelhos, naquelas sobrancelhas depiladas, naquelas pestanas sedosas e curvas que sombreavam os olhos travessos que o lápis negro havia alongado e aprofundado, e naquelas mãos de unhas compridas que pareciam recém-saídas da manicure, a camarada Arlete. (LLOSA, 2006, p. 45)

A transformação de camarada Arlete em madame Robert Arnoux pode ser descrita como radical pela diferença financeira e social existente nos dois momentos

descritos na vida do personagem, no entanto, podem-se observar suas características de transculturação quando seguindo a leitura da obra a encontramos em outros ambientes culturais como em Newmarket, onde a Mrs. Richardson além de se vestir com elegância, “parecia mais segura de si e mais desembaraçada que antes, e balançava a cabeça ao final de cada frase com uma displicência estudada [...] sua maquiagem era mais simples e natural que o estilo carregado de madame Arnoux”(LLOSA, 2006, p. 94).

Em Tóquio, Ricardo afirma que essa protagonista poderia passar por uma das “japonesas delicadas e miúdas que andavam pela rua, silenciosas e flutuantes” (LLOSA, 2006, p. 136), porque havia se transformado em uma japonesinha “na maneira de se vestir, e mesmo nos traços, nos movimentos, até na cor da pele” (LLOSA, 2006, p. 137). Além da transformação física nota-se também a transformação nos hábitos e costumes, a menina má deixa de lado a ostentação e o luxo de suas duas identidades anteriores e justifica essa mudança quando é questionada por Ricardito sobre o porquê estava andando de ônibus e não em um carro com motorista e guarda-costas: “– Mesmo que pudesse, eu não faria isso – disse, ainda agarrada no meu braço. – Seria ostentação, a coisa que os japoneses mais odeiam. Aqui não é bem-visto diferenciar-se dos outros, seja no que for. Por isso, os ricos se disfarçam de pobres e os pobres de ricos. (LLOSA, 2006, p. 137).

A capacidade de transformação da Menina Má não se deve apenas ao processo de assimilação de uma cultura na qual ela se insere. No primeiro capítulo do livro acontece um interessante processo, em que ela adota uma cultura com a qual ainda não tinha contato. Ao se passar por chilena, Otilita assume uma postura cultural e envolve os outros participantes da narrativa, se destaca entre os amigos, mesmo não possuindo as melhores roupas e calçados, consegue fazer com que Lucy sua suposta irmã também se “transforme” em uma “chilenita” e cria todo um universo que envolve e encanta o narrador: “As coisas que Lily contava de Santiago eram para mim uma antecipação do céu parisiense. Com que inveja eu a ouvia!” (LLOSA, 2006, p. 137).

Essa capacidade de transculturação – que Ricardo, depois de uma conversa com o velho Arquimedes, conclui que a acompanhava desde a infância “[...] Otilita, menina dotada de um instinto excepcionalmente desenvolvido para a sobrevivência e a adaptação [...]” (LLOSA, 2006, p. 137) – permite a ela assimilar e transitar livremente entre diversas culturas. Contudo as novas identidades não a satisfazem completamente, ou seja, não há um processo completo de desculturação para que ela se aproprie plenamente da nova cultura – ela desiste do treinamento guerrilheiro, foge da vida que

levava como Madame Robert Arnoux, separa-se de Mr. David Richarson, mesmo que a denúncia de bigamia tenha sido a causa principal da separação, a Menina Má confessava a Ricardo em seus encontros no Russell Hotel que não gostava da vida que levava ao lado do milionário: “Falava com uma amargura que parecia sair do fundo da alma. E, então, de repente desabafou comigo de maneira inesperada, como se não pudesse mais guardar tudo aquilo dentro de si. Odiava os cavalos com todas as suas forças, e também odiava todas as amizades e conhecidos de Newmarket [...]” (LLOSA, 2006, p. 102).

Mesmo estando em situação de dependência e total submissão, a Menina Má consegue se desvencilhar da cultura que a dominava e maltratava, como ocorreu quando ela estava em Tóquio, essa fuga é descrita pela Dra. Roullin como algo notável, considerando a situação em que ela vivia “o simples fato de decidir escapar dele foi uma grande coisa, senhor. Um sinal de que o tirano não tinha destruído por completo a sua personalidade” (LLOSA, 2006, p. 212). Essa situação de insatisfação e incompletude com a cultura que assumiu também faz com que ela fuja da vida simples que levava com o intérprete, no apartamento na École Militaire, em Paris.

A Menina Má está sempre transitando entre as culturas, é dotada de uma capacidade de transfiguração impressionante, todavia é uma transfiguração que incomoda, que vez em quando a deixa triste. E é por essas transformações que Ricardito, o intelectual deslocado, se apaixona. As culturas que formam a América Latina parecem que estão sempre em trânsito e cabe ao escritor, ao intelectual, segundo Silviano Santiago (2000, p. 26), realizar um ritual antropofágico da literatura latino-americana, nos espaços aparentemente vazios deste transitar cultural.

A imagem da criança representa o futuro e dentro das *Travessuras da menina má* a criança que o representa é Yilal, o menino sem voz. A figura do menino parece validar a ideia que o futuro está sempre na Europa ou nos Estados Unidos, nunca na América Latina. Essa ideia é reforçada quando Yilal precisa ir para os EUA para acompanhar os pais e para ser educado e quando retorna para Paris volta, segundo Ricardito, como um verdadeiro gringo.

A Menina Má renega as suas origens, desde criança esconde sua condição. Ela renega seu passado em busca do “novo”, do moderno. Todavia, renegar a sua base/origem peruana parece levá-la à destruição. Essa destruição já tinha sido anunciada por seu pai Arquimedes ao se despedir de Ricardo no encontro que tiveram no Peru: “Se alguma vez você tornar a ver a Otilita lá em Paris, diga a ela que lembre do pai e que não seja uma filha tão má, porque na outra vida pode receber um castigo” (LLOSA, 2006, p. 258)

A morte da Menina Má se assemelha a destruição dos diques. Apesar do saber científico e de todo aparato moderno utilizado para a construção dos quebra-mares, ainda é preciso consultar Arquimedes³, pai da menina má, cujo saber é baseado na cultura popular, indígena. Enfim, parece que quando essa cultura não é ouvida, se de alguma forma é renegada, as construções desmoronam.

Os latino-americanos que não se adequam as regras são punidos, punidos pelo próprio corpo. Paúl, o revolucionário, acaba morrendo na guerrilha peruana porque não consegue fugir do exército devido ao seu estado físico; Juan Barreto, o retratista hippie, adepto do amor livre acaba morrendo de uma doença até então desconhecida, a AIDS; e por fim, a Menina Má que usou o corpo para conseguir tudo que queria acaba morrendo com o corpo mutilado. Nestas duas personagens, punidas tão brutalmente, destaca-se a sensualidade Latino-americana que não é aceita pelos padrões europeus.

A narrativa termina na Espanha (colonizadora do Peru), mais especificamente em Lavapiés, a Madri do século XVI. Dessa forma, compreende-se que não há saída para a América Latina ela vive num ciclo que sempre desembocará no seu passado de colônia.

Outro aspecto interessantíssimo na narrativa é a falta de europeus na Europa. Isto parece reforçar a ideia de que o romance é sobre os latinos e não sobre o europeu. É um romance que parece buscar a exposição política, social e cultural da América Latina.

Conclusão

Neste artigo procurou-se fazer algumas leituras possíveis do romance, daí a análise da narrativa sob o viés da tradução, da transculturação e a leitura da Menina Má como metáfora da América Latina. Contudo é importante ressaltar que há outras possibilidades de análise, tais como: a figura do imigrante, a menina má como metáfora da identidade, como metáfora da narrativa, etc.

Ao considerar a Menina Má como metáfora da América Latina, reitera-se que a melhor forma de interpretar os processos de formação cultural desses países é a transculturação, uma vez que se pode considerar que sua origem é a transformação. Sua identidade é movimento entre culturas. Por isso, o tradutor Ricardito não consegue compreendê-la, nem possuí-la; ele tenta entendê-la a partir de uma identidade fixa,

³ A própria escolha do nome Arquimedes que foi um dos mais importantes cientistas e matemáticos da Antiguidade e um dos maiores de todos os tempos – muitos historiadores consideram que Arquimedes teve uma importância decisiva no surgimento da ciência moderna – já demonstra a importância do conhecimento dessa personagem.

quem ela é? Quando na verdade deve-se tentar entendê-la no processo, como nos esclarece Zilá Bernd: “Devemos ver e viver a transculturação como um conjunto de transculturações constantes, pois trata-se de um processo criativo e jamais concluído” (2004, p. 109).

As constantes transformações da Menina Má são vistas nesta perspectiva como tentativas de transformar a América “em *cópia*, simulacro que se quer mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo, mas em sua *origem*, apagada completamente pelos conquistadores” (SANTIAGO, 2000, p. 14. Grifos do autor). Dessa forma, vê-se refletida nesta obra: “o drama que dá nascimento a América Hispânica ao sobrepor-se uma cultura ocidental sobre a outra, autóctone, que foi se enrijecendo e se restringindo, situação inicial que volta a se repetir ao longo dos séculos sem excessivas variações, com maior aspereza, como se fosse possível” (RAMA, 2001, p. 235)

Este drama passa pela tradução do escritor Latino-americano, representado na obra pelo personagem Ricardito, que, ao final da narrativa, recebe o aval da menina má (América Latina) para escrever sua história, acrescentando, ainda, que o material que ela lhe fornecera se tratava de um bom material para escrever um romance.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Fronteira múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. Coordenador Lourenço Dantas Mota. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. Fernando Camacho In: BRANCO, Lucia Castello (org.) **A tarefa do tradutor, Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2008.

BERND, Zila. O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir de autores francófonos do Caribe. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CLÜVER, Claus. **Estudos interartes: conceitos termos e objetivos**. Literatura e sociedade, n.2. São Paulo, 1997, pp. 37-55.

COLOMBO, Sylvia. Em entrevista, Mario Vargas Llosa fala sobre romance "Travessuras da Menina Má". Jornal Folha de São Paulo, 07/10/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/811129-em-entrevista-mario-vargas-llosa-fala-sobre-romance-travessuras-da-menina-ma.shtml>. Acesso em: 18/12/2013.

GLISSANT, Édouard. Crioulizações no Caribe e nas Américas. In: ____. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Alberga Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

LLOSA, Mário Vargas. **Travessuras da menina má**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

RAMA, Ángel. Os Processos de Transculturação na Narrativa Latino-Americana. In: *Revista Garrafa, Rio de Janeiro, número 32, outubro-dezembro, p. 143-157* • 156

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS Sandra Guardini T. (org.). **Ángel Rama: literatura e cultura latino-americana**. Trad. Raquel La Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: ROCCO, 2002.